

A CARNAVALIZAÇÃO COMO RECURSO LITERÁRIO NAS HISTÓRIAS ENDEREÇADAS AO PÚBLICO INFANTIL

Melina dos Santos

Resumo: Este ensaio discute a carnavalização na literatura infantil a partir do conceito elaborado por Mikhail Bakhtin, compreendendo-a como um princípio estético marcado pela inversão de hierarquias e pela suspensão temporária das normas sociais. O texto reflete sobre a afinidade entre a lógica carnavalesca e a literatura destinada à infância, tradicionalmente associada a funções pedagógicas e moralizantes, mas também atravessada por práticas de transgressão simbólica. Ao problematizar a relativização da autoridade adulta, a valorização do lúdico e a experimentação linguística, o ensaio destaca o potencial crítico da literatura infantil carnavalizada. Como exemplificação, analisa-se a saga *Harry Potter*, evidenciando como a inversão de papéis e a criação de mundos alternativos ampliam a agência das personagens infantis, ainda que de forma provisória. Argumenta-se, por fim, que a carnavalização, embora funcione como recurso estético de questionamento, tende a ser limitada pela restauração final da normatividade adulta, o que convida à reflexão sobre os alcances e os limites da transgressão na literatura infantil.

Palavras-chave: Carnavalização; Literatura Infantil; Normatividade; Harry Potter

Introdução

O conceito de carnavalização, formulado por Mikhail Bakhtin a partir de seus estudos sobre a cultura popular medieval e renascentista, refere-se a um modo específico de organização simbólica e discursiva marcado pelo riso, pela inversão de hierarquias e pela suspensão temporária das normas sociais instituídas. Enquanto princípio estético, a carnavalização ultrapassa o evento histórico do carnaval e se manifesta em diferentes gêneros discursivos e literários, configurando-se como uma estratégia de subversão do discurso oficial e de abertura para múltiplas vozes e sentidos.

No campo da literatura infantil, a carnavalização encontra terreno fértil para sua realização. Tradicionalmente associada a finalidades pedagógicas e moralizantes, essa literatura tem sido progressivamente reconhecida como um espaço de experimentação estética, crítica social e questionamento de valores hegemônicos. Narrativas que apresentam adultos ridicularizados, crianças ou

personagens marginalizados em posições de protagonismo, bem como situações absurdas e cômicas, revelam uma lógica carnavalesca que tensiona as fronteiras entre o sério e o lúdico, o normativo e o transgressor.

Diante disso, este ensaio propõe analisar de que modo a carnavalização se manifesta na literatura infantil, investigando seus principais recursos narrativos e linguísticos e os efeitos de sentido que produzem. O objetivo geral é compreender como elementos carnavalescos contribuem para a constituição de uma estética que desafia discursos autoritários e normativos. Especificamente, busca-se identificar estratégias de carnavalização presentes em obras do gênero e refletir sobre suas implicações estéticas e formativas para o leitor infantil.

2. O conceito de carnavalização em Bakhtin

O conceito de carnavalização é desenvolvido por Mikhail Bakhtin a partir de suas reflexões sobre a cultura popular da Idade Média e do Renascimento, especialmente em sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2010). Para o autor, o carnaval não se restringe a uma festividade histórica específica, mas constitui uma cosmovisão popular, marcada pela suspensão temporária das hierarquias sociais, das normas morais e das formas oficiais de discurso. Nesse espaço simbólico, todas as vozes podem se manifestar, instaurando uma lógica de igualdade provisória e de liberdade expressiva.

A carnavalização, enquanto princípio estético, caracteriza-se pela inversão de papéis sociais, pela profanação do sagrado e do sério, pelo riso ambivalente, simultaneamente crítico e regenerador, e pela centralidade do corpo grotesco. Diferentemente do riso satírico individualizante, o riso carnavalesco é coletivo e inclusivo: ele não apenas ridiculariza, mas também renova, permitindo a imaginação de outras formas de organização social. Trata-se, portanto, de um riso que desestabiliza verdades absolutas e questiona a autoridade dos discursos hegemônicos. Conforme Bakhtin (1981), no carnaval "... vive-se uma vida (...) desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma 'vida às avessas', um "mun

do invertido” (p. 105). Nesse sentido, durante o carnaval, todo o sistema hierárquico é revogado ou invertido, inclusive de ordem etária, recurso muito usado pela literatura infantil.

No âmbito da literatura, a carnavalização manifesta-se por meio da paródia, do exagero, da multiplicidade de vozes e da relativização das posições de poder. Segundo Bakhtin (1981), textos carnavalizados rompem com a rigidez dos gêneros tradicionais e com a seriedade monológica do discurso oficial, abrindo espaço para o diálogo, a contradição e a heterogeneidade discursiva. Assim, a carnavalização atua como força centrífuga, que desafia a estabilidade dos sentidos e favorece a emergência do plurilinguismo e da polifonia.

3. Literatura infantil como espaço de transgressão

Durante longo período, a literatura infantil foi compreendida prioritariamente como instrumento pedagógico e moralizante, voltado à formação de comportamentos considerados adequados ao projeto social dominante. Essa perspectiva reducionista desconsiderava o potencial estético e crítico das obras destinadas à infância. Como apontam Lajolo e Zilberman, “a literatura infantil nasceu comprometida com a pedagogia e com a moral, o que por muito tempo obscureceu seu estatuto literário” (Lajolo, Zilberman, 2007, p. 15).

Entretanto, estudos contemporâneos têm destacado que a literatura infantil constitui um espaço privilegiado de experimentação simbólica e discursiva, no qual normas sociais, linguísticas e comportamentais podem ser tensionadas. Para Hunt, “a literatura infantil é um campo em que ideologias adultas são constantemente negociadas, contestadas ou subvertidas” (Hunt, 2010, p. 23). Essa característica torna o gênero particularmente propício à manifestação de estratégias carnavalizadas, como a inversão de hierarquias e a relativização da autoridade adulta.

A afinidade entre literatura infantil e carnavalização pode ser compreendida a partir da centralidade do jogo, do riso e da imaginação, elementos que dialogam diretamente com a cosmovisão carnavalesca descrita por Bakhtin. Segundo o autor, “o carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso” (Bakhtin, 1987,

p. 7). Na literatura infantil, esse riso manifesta-se na quebra de expectativas, no absurdo e na construção de mundos em que o sério e o oficial perdem sua rigidez.

Além disso, a linguagem empregada nas narrativas infantis frequentemente rompe com padrões normativos, incorporando marcas de oralidade, invenções lexicais e jogos sonoros. Essa escolha estilística não apenas aproxima o texto do universo infantil, mas também desafia concepções hierarquizantes da língua. Nesse sentido, Bakhtin afirma que a linguagem é um fenômeno ideológico, o que permite compreender a brincadeira linguística como gesto discursivo carregado de significação social.

Ao valorizar o riso, a multiplicidade de vozes e a transgressão simbólica, a literatura infantil carnalizada afasta-se de uma função meramente instrucional e assume um papel formativo mais amplo. Como observa Zilberman (2003), “o texto literário para crianças não ensina pela imposição, mas pela provocação do imaginário e do pensamento crítico” (p. 41). Dessa forma, a literatura infantil configura-se como espaço de resistência simbólica, no qual a carnalização contribui para a construção de leitores capazes de questionar discursos autoritários e normativos.

4. Carnalização na literatura infantil - Inversão de papéis e hierarquias

A inversão de papéis sociais constitui um dos traços mais evidentes da carnalização e aparece de forma recorrente na literatura infantil. Segundo Bakhtin, no universo carnavalesco “todas as hierarquias, privilégios, normas e proibições são suspensos” (Bakhtin, 1981, p. 9), criando um espaço simbólico em que relações de poder são temporariamente desestabilizadas. Na literatura infantil, essa suspensão manifesta-se, por exemplo, quando crianças assumem posições de liderança, adultos são ridicularizados ou figuras tradicionalmente marginalizadas ocupam o centro da narrativa.

Esse procedimento narrativo não deve ser compreendido como simples fantasia escapista. Ao representar um mundo “às avessas”, a literatura infantil carnalizada expõe o caráter histórico e construído das hierarquias sociais. Como afirma Bakhtin, “o carnaval celebra a libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente” (Bakhtin, 1981, p. 10). Assim, quando a autoridade adulta é relativizada ou parodiada, o texto literário promove um deslocamento crítico que convida o leitor a questionar normas naturalizadas no cotidiano.

Nesse sentido, a inversão hierárquica presente na literatura infantil dialoga com a própria condição da infância enquanto posição social subalternizada. Ao permitir que a criança se reconheça como sujeito ativo e potente dentro da narrativa, o texto carnalizado atua como espaço de resistência simbólica, no qual o discurso dominante perde seu caráter absoluto.

5. A carnalização em Harry Potter

À título de exemplo, será usada a saga Harry Potter para que fique mais claro como a carnalização opera em obras juvenis e seus efeitos de sentido. Na saga de J.K. Rowling, o aspecto mais latente da carnalização é o afastamento dos adultos. Em primeira instância, a autoridade é retirada dos adultos antes mesmo da história de fato começar, com a morte dos pais de Harry. A retirada dos pais, conforme Nikolajeva (2010), inverte a ordem hierárquica e, conseqüentemente, deixa o protagonista mais livre para partir para suas aventuras, o que não seria possível se ele tivesse suas figuras paternas presente para o vigiar, nesse sentido, retirar os pais (normalmente com a morte deles), é um recurso carnavalesco amplamente usado em histórias infantis e juvenis.

“A remoção dos pais é a premissa da literatura infantil. A ausência da autoridade parental proporciona o espaço que a criança fictícia precisa para seu desenvolvimento e amadurecimento, a fim de testar (e saborear) sua independência e descobrir o mundo sem a proteção dos adultos. No entanto, a criança não pode ser deixada completamente sem a supervisão dos adultos; portanto, os substitutos proporcionam segurança, mas também mantêm as regras que o mundo adulto estabeleceu” (Nikolajeva, 2010, p. 16).

No caso de Harry, os substitutos para os pais são os tios, Dumbledore e, por um tempo limitado, Sirius Black. É importante notar que, essas figuras de autoridade não têm autoridade plena sobre Harry, pois não são seus pais de fato, mas estão

sempre na margem da narrativa e aparecem em momentos específicos para controlar as ações do protagonista.

Outro aspecto da carnavalização é a mudança de cenário. Em Harry Potter, o protagonista, assim como seus amigos, vão para Hogwarts, uma escola de magia onde as leis dos “trouxas”, isto é, pessoas que não são bruxos e ne, conhecem sobre o mundo bruxo, não têm influência. Essa ida para um mundo diferente é necessária para que as personagens das histórias infantis tenham mais liberdade para agirem de acordo com suas vontades e motivações, sem que as normas dos adultos os impeçam, nesse caso, em Hogwarts, Harry e seus amigos estão livres para irem em florestas perigosas e lutarem com trasgos e dragões.

A carnavalização, no entanto, é temporária, e a liberdade experienciada pelas crianças nas histórias infantis também. No caso da saga, o Harry, apesar de não ter os pais vivos, no final do ano escolar sempre volta para a casa dos tios, onde não pode usar magia e precisa se submeter às regras deles. Tanto a supervisão dos adultos, quanto o mundo normativo são restaurados no final, e o poder volta para a mão dos adultos. Com o fim da carnavalização, o poder é entregue de volta aos adultos, ou seja, “...a criança herói pode ser corajosa, inteligente e forte o quanto quiser, contudo, no final, um adulto vai assumir a liderança” (Nikolajeva, 2010, p. 20, tradução própria).

O fato da carnavalização ser um recurso que é dado mas sempre retirado ao fim da história leva à reflexão sobre o papel dos adultos na literatura infantil e até que ponto as histórias infantis são para as crianças, considerando que elas são escritas por adultos e, nesse sentido, é permeada pelos interesses dos adultos. Há a discussão se uma literatura infantil seria de fato infantil caso ela fosse escrita por crianças, mas ela é infrutífera pois, inevitavelmente, as histórias infantis precisam passar pelas mãos e trabalhos dos adultos, como é colocado por Maria Nikolajeva (2010).

O que de fato é considerado, nesse sentido, é como o poder, e nesse caso o poder nas mãos dos adultos, é retratado em obras infantis. Nikolajeva (2010) defende que durante toda a saga Harry Potter o poder está, indubitavelmente, nas mãos dos adultos e as crianças da história se encaminham, durante os sete livros

da saga, para uma vida adulta onde eles contribuirão para o ciclo de poder dos adultos. Sobre a normatividade adulta, isto é, o poder nas mãos dos adultos, Nikolajeva (2010, p. 25) afirma:

“O epílogo mostra Harry vivendo feliz para sempre, casado e pai de três crianças, para quem ele pode dar sermão e que os destinos já foram decididos de uma vez por toda. O ciclo do poder se completou. A normatividade adulta está irreversivelmente confirmada” (Tradução própria).

Nesse sentido, a literatura infantil, apesar de ser feita para as crianças, reflete os interesses dos adultos, de forma que aconteça a manutenção da hierarquia etária, e a carnavalização não representa, de fato, uma transgressão nos valores, mas serve de recurso estético sem realmente desafiar as dinâmicas de poder da sociedade que são refletidas na literatura infantil, especialmente a etária.

Referências

- NIKOLAJEVA, M. *Power, voice and subjectivity in literature for young readers*. New York: Rutledge, 2010.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2007.
- HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.